

# a Bomba

## NA GALISA

Cristiano de Carvalho (art.)

Dirigem a manipulação Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas—Laurindo Mendes.

— Sede do Laboratório—Rua d'Alegria, 218. —

Marca da fábrica—(vulgó editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica: terraço de Costa Carregal, tr. Passos Manuel, 27.



# PROCLAMAÇÃO COUCEIRISTA

A's armas, conspiradores, ás armas sobre Portugal! Os bandidos tripudiam sórdidamente. Arrasemo-los. Os pulhas do governo, cínicamente e vergonhosamente, arrastam a abísmos cada vez mais fundos o nosso querido país. Eliminemo-los. A canalha ulula imprecações contra o nosso chefe, a quem cometeram a suprema infâmia de condenar, e joga-nos toda a casta de vilanias. Conspiradores, salvadores de Portugal, ás armas e com denodo! De Roma, o Santo Papa envia-nos a bênção divina. Façamos a nova cruzada com fé inquebrantável. Lá dentro, esperam-nos dezenas de milhares de peitos oprimidos e creaturas que querem libertar-se. Vamos a dar-lhes liberdade; vamos a tirar das mãos dos jacobinos e dos ateus os santos altares. Mal entremos, os povos todos acorrerão a ajoelhar-se á nossa passagem e a beijar-nos as pontas dos capotes. Conspiradores, ás armas, sobre Portugal e por Portugal! A's armas por D. Manuel II e D. Gaby I. Espera-nos a glória, a imortalidade. A's armas e Viva Paiva Couceiro!

## Bomba

Triste infelicidade a dos conspiradores portugueses que, por forma alguma conseguem juntar forças, muito embora de invencíveis eles blasonem. Ultimamente, então, o aprisionamento do navio em águas belgas foi duma pouca sorte inconcebível. Porque, a levarem por deante o plano que se dizia terem projectado, não tardariam príncipes da Madeira com toda uma organização clerical lá dentro. A célebre ilha de lendário inegalável clima recebê-los-hia com todas as honras, só pedindo desculpa de lhe não ter sido possível ir antes ao encontro de tão ínclitos varões, entregar-lhes os restos de dignidade e carácter que os estrangeiros ainda não quiseram comprar. E de aí entrariam os heróis a negociar com os diferentes judeus do mundo a venda do território conquistado, incluindo conquistadores e tudo. Os naturais ajudariam e bateriam palmas de satisfação, por pertencerem, enfim, a gente civilizada.

Mas, triste infelicidade a dos conspiradores, o *Voss* foi-se e com ele mais essa esperança. O melhor agora é tentar o aeroplano. Com certeza que a esse ninguém irá apreendê-lo. De resto, também é o melhor meio de fuga... e o mais apropriado para quem tanto anda no ar...

## Postais políticos

*Meu caro Jerónimo*

*Lisboa, 18*—Sim senhor, tem muita graça a tua habilidade em me desnoitear. Então levavas tempos e tempos a perguntar-me para cá pelo golpe, pelo célebre golpe, e afinal vocês aí é que o queriam dar! Ora, meu caro Jerónimo, deixa-me dizer-te que isso não é nada bonito e que eu começo a zangar-me contigo. O golpe era a sério, havia força, tropas, muita gente? Diz-me na volta do correio o que sabes. Eu também aqui estou sempre ao teu dispor.

Deves saber que os eléctricos continuam a andar parados. E parece que sempre temos ministério. Escreve já.

AMBRÓSIO.

*Amigo Ambrósio*

*Pôrto, 19*—A coisa está difícil. Como é que te hei de explicar o golpe se eu não sei como se projectava, em que sentido se daria? Não leste o manifesto dos golpistas?

Percebeste alguma coisa? Pois é o mesmo que eu sei. Dizem que esteve cá ha dias o Machado Santos a combinar a coisa e que o movimento seria simultâneo em Lisboa e Pôrto. Aqui houve grande pânico. Ante-ontem, de dia, toda a gente dizia que ia haver muito sangue jorrado do golpe. Havia mais povo pelas ruas e a todos os cantos se afiavam navalhas. As tropas estiveram de prevenção

e tinham ordem de, ao primeiro tumulto, fazerem das armas vassouras e limparem as ruas. Felizmente que ás 9 da noite já se sabia que os golpistas não golpeavam. Eles faziam isso por causa de nem á mão de Deus padre Manuel de Arriaga se formar ministério. Uma vez, pois, que os ministros sempre tinham nascido, não havia mais razão para a zaragata. E tudo acabou bem. Isto já não vai para grandes trapalhadas. Agora, com a tal telegrafia sem fios, sabe-se tudo o que se vê e o que se não vê. E' o diabo, porque a policia até sabe se a gente dorme com a boca aberta ou com ela fechada.

Saude.

JERÓNIMO.

## Boletim político

*16 a 22 de junho*

Depois de muitos e afadigosos trabalhos, o snr. dr. Duarte Leite sempre conseguiu arranjar um ministério para uso destes tempos que tão mal vão correndo. Duradouro? Efêmero? O António José de Almeida já deitou um ministério abaixo, o Camacho outro. A quem tocará agora a vez?

O certo é que aquele engano de alma não pode durar muito, que a politiquice partidária não deixa. Mesmo porque enquanto ele existir tem de haver uma certa solidariedade entre os grupos todos e não é isso o que mais lhes agrada. Preparemo-nos, portanto, para uma nova crise, próxima e mais grave.

# CARTA DE PAIVA COUCEIRO AO JÚRI QUE O CONDENOU

Pontevedra, 19

## Escelsos bandidos!

Vi hoje com pormenores a nofôia do meu julgamento e não me tive que não pegasse logo na pena para vos descompôr, enquanto não posso zurzir-vos com um bom marmeleiro. Porque, ignóbeis pelintras, ha de ser a marmeleiro que eu hei de entrar no Pôrto e aí fazer centro da nova monarquia portuguesa.

Seis anos de prisão e não sei quantos de degredo! E' de morrer a rir! Prisão, eu, o mais illustre herói deste século, o novo Salvador da Terra Santa! Mas, vocês para que são tão estúpidos ou tão patifes? Condenado porquê? Por amar a minha pátria mais do que ninguém, por me sacrificar por ela como nenhum de vocês era capaz, por querer substituir a patifaria e imoralidade a justiça e o bom senso? Desgraçados jacobinos, que bem depressa vos farei morder o pó!

Andais a dizer nessas imundas cloacas de aí, chamadas jornais, que a incursão está liquidada, que eu sou um poltrão, que não temos armamento e que os conspiradores morrem á fome. Dizeis que a Espanha já nos retirou o seu auxilio, que vamos ser dissolvidos por Canalejas e que até o povo nos corre. Supondes que as apreensões de armamento e navios são a valer e que tudo está liquidado. Pobres visionários, que illusões as vossas!

A incursão, agora mais que nunca, está no ânimo de todos e todos aneiam por ela. Todos os dias, em minha casa, nas ruas por onde passo os milhares de conspiradores que encontro me perguntam com entusiasmo: —Então, nosso chefe, quando vamos a dar cabo daquela canalha? E eu lhes respondo:

—Descansem vocês, deixem completar os exercícios e vir mais armamento. As diferentes companhias já têm uma boa disciplina, mas é preciso melhor. Também é necessário mais armamento. Não chegam as 10:000 espingardas, 50 metralhadoras e 20 peças de artilharia que temos. Quando entrarmos devemos levar tudo em frente.

Eu não me temo de ninguém, nem os conspiradores morrem á

fome, porque nada lhes falta, nem dinheiro, nem jogo, nem vinho, nem mulheres.

Quanto á Espanha, muito terei que dizer um dia. Talvez também faça um livro a expôr as negociações que ela quis fazer comigo a respeito de Portugal, em troca do auxilio que nos pudesse dar. E sobre apreensões de armas, como vocês se enganam! Lá essas da Bélgica, é provável que não tornemos a vê-las. A nossa influencia ainda não chegou até lá e não quize-mos desta vez encomodar o Papa. Agora as de Espanha! Essas são-nos logo entregues, mal as apreendem. E' tudo para estrangeiro vêr.

E porisso tudo é que a incursão se fará, cedo, decisivamente e com o mais retumbante triunfo. Ide pondo as costas de molho, para vos não doerem tanto as chicotadas que tencionamos dar-vos. Só a chicote, só a azorrague é que vocês poderão ser tratados. E' possível que o Afonso Costa tenha sorte diferente dos outros, por ter sido mais atrevido. Também o Correia Barreto ha de ser fuzilado numa grande parada militar, mas os outros até na morte hão de ser miseráveis. O Camacho será afogado numa sargeta; o Machado Santos asfixiado dentro dum cofre forte; e António José de Almeida ha de ser com uma indigestão de discursos antigos. O resto, a pau, a couce, de qualquer forma reles.

Viram vocês a lista do nosso governo e das nossas autoridades? Viram vocês como ali estão as personalidades mais eminentes de Portugal nas artes, nas indústrias, na religião, principalmente na religião? Pois é assim mesmo. Comvosco, com os homens de caracter e honra é que estão os elementos representativos da nação. Os demais são a choldra, o enxurro que é preciso varrer.

Nós não queremos fazer muito sangue, porque sabemos muito bem que nesse desgraçado país ser-se republicano ou ser-se monarquico é uma questão de momento e dependente em tudo das circunstâncias. Mas havemos de suprimir uma boa série de pulhas; esses carbanários que têm andado a farejar todos os

nossos passos, os executores dessa maldita lei da separação, os malandrins inqualificáveis e desqualificados do Magro e do Valente, os deputados, senadores, ministros, autoridades administrativos e do registo civil, essa bagatela de energúmenos. O país tem de ser nosso e da santa religião, para purificar-se e voltar aos tempos gloriosos do santo Nunalvares, que eu represento na terra.

Repito-vos, pois, prevenivos, ide preparando as costas, que eu qualquer dia lá vos vou agradecer o mimo da minha condenação.

Entretanto, ide fantasiando as coisas mais fantásticas do mundo sobre a nossa força e a minha coragem. Nós cá iremos apertando o lance definitivo e infalivelmente vitorioso.

Até lá, canalha.

HENRIQUE PAIVA COUCEIRO.



A *Montanha* para em tudo ser um jornal extra-moderno, com secções de interessar todo o mundo, até se deu a inventar quantas maravilhas podiam imaginar-se. Assim o gerente inventou aquela beleza de máquina, o ex-notável panfletário e ex-brilhante jornalista Pádua Correia inventou uma série de génios incubados para nela colaborar. Outros inventaram assombros nas águas das Pedras; outros ainda inventam patifarias sem fim na fiscalização das sociedades anónimas. E' um nunca acabar de prodigiosos inventos.

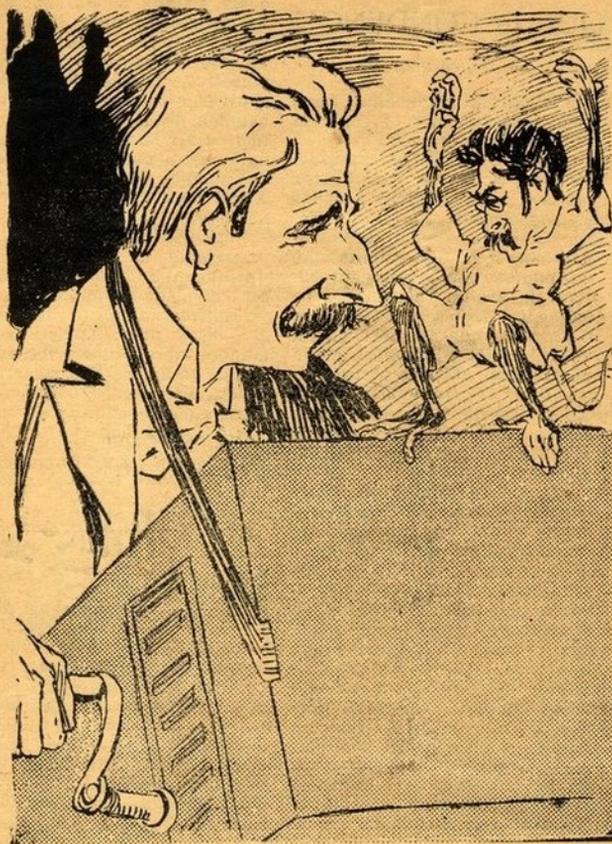
—E a verdade é que a tiragem tem crescido de maneira fabulosa, ao impulso da propaganda do gerente. De 4500 passou para 4550. A Empresa(?) deve concederá-lo e pedir-lhe mais economias das do género dele.

—Devem chegar por estes dias os novos redactores dessa mesma gazeta contratados na América. Senão chegarem a tempo, vai o gerente buscá-los e amarrar-lhes uma argola ao focinho.

—A Liga, para ainda mostrar que está inteira, demitiu um fiscal da Mesericórdia. São tudo basófiás, ou então os momentos fúcidos do fim...

—O snr. Silva Cunha já enguliu aquela enxurrada que ha tempos lhe saiu sem querer. Dos arrependidos é o reino dos céus.

## A balada da ónião



Variações improvisadas sobre um tema conhecido...

### COMÉDIA VULGAR

—A Nina está?

—Está, espera um pouco, que eu vou-lhe dizer. Entra para ali, para o meu quarto.

—Sua desavergonhada, então aparece-se assim, nesse estado?

—E' que já estava deitada. Senta-te aqui ao pé de mim. Porque não vieste ontem?—Estive até às 5 da manhã na varanda á espera. Sempre és muito mau.

—Eu não te disse que vinha.

—Mas disse-te eu que te esperava e porisso devias vir. Mas, pronto, passou, passou. Ah! queres saber?—Estiveram hoje cá para me levar.

—Quem?

—Uns meus parentes de aí de fóra, queriam por força que fosse com eles. Jantaram cá, conversámos muito tempo e não se queriam ir embora sem mim.

—Fizeste mal em não ir.

—Ora, não sejas mau. E depois como te havia de ver?

—Vias outro qualquer e eras muito feliz. O principal é saíres de aqui.

—Lá para fóra é que eu não vou.

—Menina, o homem foi-se embora.

—Oh! deixá-lo ir! (*gargalhada*)

*estridente*)—Anda tu cá para dentro. Por ti é que eu o não troco.

—Que homem era esse?

—(*Nova gargalhada*) Coitado! é um meu primo que quer á fina força casar comigo. Quando está na aldeia escreve-me todos os dias cartas cheias de carícias. E volta meia volta vem cá ficar comigo. Quando me vieram dizer que estavas aí, já estávamos deitados, mas bem me importou a mim. Ele não me queria deixar levantar, mas ficou-se com a vontade—Ah! deixá-lo ir. Deita-te tu e o mais são cantigas.

—Não posso ficar, tenho de me levantar cedo.

—Eu chamo-te á hora que quizeres.

—Bem, então chama-me ás 10 que tenho de fazer exame.

—A'manhã?

—Sim, e se não fosse isso não estava agora aqui.

—Porquê?

—Porque lá no jornal tantas vezes me disseram para vir embora, que enfim sempre me resolvi a sair. Mas, como ainda nem eram duas horas lembrei-me de vir ver-te.

—Fizeste muito bem (*beijos*).

—Pois, menina torno a dizer-te que fizeste muito mal em não ir com quem te queria levar.

—Não digas isso... isso era ir para longe de ti...

—E preferes então estar nesta vida desgraçada?

—Não, eu queria trabalhar. Ha uma modista que me admite logo que eu queira. A questão toda está no livro.

—E tu terás coragem para trabalhar?

—Então não tenho! Pudesse eu sair de aqui! Estou farta disto.

—Ainda não estás bastante porque senão já aqui não estavas.

—E como havia de sair?—

Da outra vez, o juiz tirou-me o livro num instante; foi só um cartão dele para o inspector, arranjou-se logo tudo. Agora, quem m'o ha de tirar?

—Bem, fala-se nisso.—O que eu não acredito é que vás trabalhar.

—Estás tolo. Juro-to pela felicidade da minha mãe.—Depois só quero uma coisa, é que vás ter comigo todas as noites. Lá sem homem é que eu não fico! Vais?

—Isso ainda está tudo muito complicado. As coisas não se fa-

# As grèves e a tropa



—... Mas alguns dos que ali vão, são socialistas...

— Sim, mas isso é cá na vida paisana...

zem assim a fugir. — E depois, eu por mais que queira não me convenço de que sejas capaz de trabalhar e de sair desta vida.  
— Não digas isso. Já to jurei e juro-to mil vezes.

Ele alugou-lhe casa, tirou-lhe o livro e deitou-se a viver com ela. Nina começou por arranjar mil desculpas para não trabalhar. A modista que ela conhecia, tinha dúvida em a aceitar, precisava primeiro de descanso, mil coisas.

Tres dias depois vinha ele a entrar em casa e a porta estava fechada á chave. Bateu. Só poudo ouvir uma dupla gargalhada lá dentro. Para não dar escândalo, foi dormir a um hotel e no dia seguinte mandou buscar a mobília e roupas. Ela pediu-lhe mil perdões e... quis convencê-lo de que não tornaria a tornar...

... Mas d'esta vez não pegou!



## As proezas dum Seixo

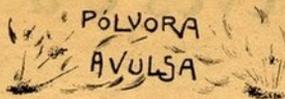
*De como o autor desta verídica história, por motivos de limpeza, põe ao sol a origem e manhas de um famoso Seixo, cujas proezas ao adiante se verão.*

### CAPÍTULO III

#### Do modo como vão crescendo os pés do Seixo

II

A máquina veio, comprada por um processo muito curioso, que na segunda parte desta história se descreverá com minúcia. Pagaram-se os direitos, tirou-se da alfândega e tratou-se de montá-la. Para a desencaxotar, dois



### As cruzes dos candieiros

Avisamos a excellentíssima Câmara de que aqui mesmo, deante da mesa do nosso laboratório, existe, já com proveita idade, um senhor candieiro de iluminação pública, de número 873 e natureza parietal, que na sua reverendíssima cabeça ainda ostenta uma plúmbea corôa e respectiva cruz. Já por várias vezes tentámos, descoroá-lo para barretá-lo, mas não nos foi possível. A corôa está-lhe mais fixa no toutico do que a do sr. D. Manuel, que Deus haja lá muito longe de nós. Como, porém, tal intrigante fóssil nos está continuamente desafiando a paciência, bem nos parece que qualquer dia sofrerá o todo pelo crime da parte, e que do candieiro nem a alma se aproveitará. Fica, pois, a excellentíssima Câmara sciente de que se o 873 aparecer qualquer dia reduzido a sombras, a culpa só foi de S. Ex.<sup>a</sup> e dos revolucionários de 5 de outubro.

### Universidade Popular

Efectuou-se segunda-feira a 1.<sup>a</sup> lição da Universidade Popular. Apareceram alguns operários, muito poucos, mas ás pri-

processos se mostraram logo ao nosso incomparável Seixo:—ou meter homens ou meter petizes ao serviço. Feitas as contas, apurou que empregando os rapazes economizaria seis e cinco, muito embora levasse mais tempo o desencaxotamento. Não vacillou, chamou os garotitos. Ao fim, faltavam duas peças, do valor dalguns mil reis. Mas, que diabo, não se tinham economizado uns cobres?...

A cantiga da máquina foi-se tornando conhecida e toda a gente se espantava como o Seixo, um homem de negócios, tinha caído em tal. Começava a reputação a vacilar-lhe.

Lili, porém, tinha ideias e das boas.

Fosse ele suprimindo a pouco e pouco o pessoal e compensaria a cabeçada da *invenção*. Não pestanejou, e tecendo logo mil intrigas entre redactores e *empresários*, entre estes e aqueles, entre aqueles e as lâmpadas

meiras palavras do conferente, como não ouviram os conceitos de Marx, Bakounine ou Grave, raspam-se. Depois queixam-se de que não procuram instruí-los! Que, afinal, a culpa é desses mil *meneurs* que para aí andam a encher-lhes a cabeça só de retumbâncias.



**Sá da Bandeira**—O cine anda agora misturado de altas variedades com fontes luminosas (é piada á escuridão da plateia e camarotes) e outras mirabolâncias esquisitas. Brevemente, o *Grande Guinól* sem fantoches nem cordelinhos e muito ao contrário com deliciosas auras...

**Carlos Alberto**—A nada se mexe o bruto. Como duro penedo, também se infiltrou do espírito asfáltico do Sousa Rocha que não ha forma de se mover. Do mal, o menos.

**Águia de Ouro**—Tambem já entraram as variedades em sociedade com o cine. Isto marcha. O diabo é só ser em bicicleta, nesta idade do automóvel.

**Circo Variedades**—Prosegue a mesma podre *mayonnaise* aqui já denunciada. A repartição de

eléctricas, entre estas e os tipógrafos, entre estes, aqueles e um ordinário garoto, meio vesgo meio zorrolho, que meteu a administrar as arrobas de papel; e reduzindo dez reis a este, reduzindo ao fornecedor de tipo, reduzindo a toda a gente, lá conseguiu diminuir um pouco o *deficil* e a confiança no jornal. Estupidês, ignorância?—Certamente as duas coisas juntas.

III

Apesar de tudo, Xixi, que em toda a parte contava as suas proezas de gerente inimitável, e a quem queria ouvir bradava com ênfase:—lá adiantei hoje cinco mil réis ao redactor F; é um desgraçado, e eu sempre gostei de fazer esmolos—não andava nada contente comsigo mesmo. Os planos da Lili tinham-lhe falhado bastante. Já por tres vezes escrevera a um ministro para o nomear director

higiene não ouviu; a polícia também não sabe se a casa está ou não em condições de poder funcionar.

**Jardim Passos Manuel**—E' claro. Quem o duvidaria? As meninas Heftises sempre ficaram. E como no palco abafavam com o calor e o calor lhes abafava o som dos instrumentos, evoluíram até ao coreto de cá de fora. Está bem e mais fresco, mesmo com pancadaria como a de ante-ontem.

**Olimpia**—Vai crismar-se este cene, passando a chamar-se *Letes*. E' só para ele próprio se esquecer das intenções com que nasceu.



geral, e o ministro nem respondia. Tinha a consolação do teatro, mas a respeito de importância, daquela importância que a princípio previra como abrindo-lhe todas as portas e todos os lugares, nem sequer se vislumbra. Queixou-se a Lili e esta ainda o descompôs por cima:—E' claro, pois se tu nunca hasde deixar de ser burro! Porque não assinas tu os artigos do jornal, ainda que não sejas quem os escreva? Não és tu o senhor absoluto daqueles escravos? Então, se és porque não mandas como deves?

E a propósito, diz lá ao director que não passe os bilhetes de hoje para o Sá da Bandeira que quero lá ir com uma amiga. Não te esqueças, para não haver alguma sensaboria. Já ontem no Carlos Alberto eu esqueci-me de avisar e foram lá uns sujeitos a requisitar os lugares quando quem lá estava era eu e mais a Micas.

## EXPEDIENTE

«A Bomba» suspende neste número a sua publicação. Não é para melhorar, nem para reaparecer de aqui a cincoenta anos. E', única e simplesmente, para deixar de perder mais dinheiro, falando com as letras todas. O público não se agradou do nosso semanário; nós não quizemos ir perguntar ao público os motivos, nem nos dispuzemos a aceitar transigências. Deixámos inimizadas, provocámos irritações, mas isso que importa? Atirem-nos de lá pedras iguais e verão onde elas chegam.

Aos colegas que conosco permutavam pedimos o obséquio de suspenderem as suas remessas.

—Mas que hei-de eu fazer? volta o empedernido Xixi. Eu dentro de pouco tenho de estender a mão á caridade pública para viver; fico sem dez réis, na completa miséria.

—Não te aflijas. O teu pior mal é do estômago. Vamos qualquer dia fazer uma serenata ás Pedras Salgadas e isso passa.

Ele enterneceu-se, ela beijou-o e deixou-se beijar. Tremeram-lhes as pernas a ambos de comção. E um suspiro longo, de alguns segundos, os uniu estreitamente.

Ao voltarem a si, num desalinho natural, ouviram á porta pancadas de quem não teme nem deve. Era um beleguim com uma citação do Tribunal do Comércio sobre a Empresa do jornal do Seixo. Ele empalideceu, ela desmaiou.

Fim da 1.ª parte.

(A 2.ª parte, com documentos e ilustrações, continuar-se-ha oportunamente).



### Charadas sexuais

Ele macaco e ela mineral-2-2

### Charadas em frase

O vento sem vogal é metal e estampido-1-2

### Enigma tipográfico

SI

TRIC-TRAC.

### Telephonica

Trim... Trim  
—Quem fala  
—Sou eu; já fizeste a promessa a Deus—1  
—Não a faço, em quanto não ver a ave-2  
—Qual ave  
—A que está numa embarcação.

### Affonsina

N'esta terra portuguesa, tudo offerece-2-1

### Saltitante

1-2 3-4  
1-4 3-2

Tapa, á passagem da terra portuguesa.

### Reduzida

Mulher-3  
—rist—  
Nação-2

### Tranposta

Este homem amou muito a mulher-3

JOPEIASI.

### Decifrações do n.º 9

Charadas sexuais: amor, amora.—Charadas em frase: estermínio.—Enigma tipográfico: sobre-taxa.—Charadas aumentativas: pio, pião.—Charadas adicionadas: decimos.—Combinadas: luso.—Logogrifos rápidos: pangaio.—Maçada geográfica: Valladares.

# ÔNIO CONDICIONAL

